

## O SURGIMENTO DO EU

Altair José dos Santos  
Deivid Gomes da Silva  
Faculdade de Educação da Universidade Federal de Goiás (FE/UFG)  
Comunicação  
Fundamentos de Psicologia

O objetivo desse trabalho é investigar, na teoria psicanalítica de Sigmund Freud, como acontece o surgimento do Eu. Freud sustenta que a consciência não pode ser o atributo mais universal dos processos psíquicos, mas apenas uma função deles. A consciência só surge no indivíduo a partir do enfrentamento com a realidade externa, pois na vida intra-uterina e nos primeiros momentos da vida, o ser vive num estado alucinatório de completude através de sua fusão com o universo do corpo materno. É a partir das frustrações impostas pela realidade externa que surge um Eu como mediador entre a realidade exterior e aquilo que pulsa no interior do organismo. Partindo da compreensão freudiana, do embate entre as pulsões do indivíduo e a realidade externa surgem os sintomas, que representam um acordo entre essas duas forças em conflito. Pode-se, por conseguinte, compreender o Eu como o sintoma por excelência.

Palavras-chave: psicogênese; eu; psicanálise.

Na parte IV do artigo “Além do princípio do prazer”, de 1920, Freud faz o que ele mesmo chama de pura especulação a fim de explorar a idéia de que “a consciência poderia não ser o atributo mais universal dos processos psíquicos, mas apenas uma função deles” (FREUD, 1920/2006<sup>1</sup>, p.179).

Segundo Freud (1920/2006) a consciência teria essencialmente a função de perceber as excitações provenientes do exterior bem como as sensações de prazer e desprazer oriundas do interior do aparelho psíquico. Desta maneira Freud acredita ser possível atribuir ao sistema Perceptivo-Consciente uma localização específica: na fronteira entre o exterior e interior. Freud aponta ainda que esse sistema forma uma camada que recobre os outros sistemas psíquicos.

No entanto, ele reconhece que esta não é uma teoria nova, pois a teoria anatômica afirma que a “sede” da consciência situa-se no córtex cerebral, a camada envolvente mais externa do cérebro. Entretanto, se a anatomia não se pergunta o porquê dessa localização, Freud (1920/2006) toma a questão e se põe a examinar as conseqüências decorrentes dessa localização.

Para expor seu raciocínio, Freud (1920/2006) dá o exemplo de um organismo vivo em sua versão mais simplificada como sendo uma “vesícula indiferenciada de substância excitável”. Nesse caso, a superfície voltada para o mundo exterior, devido a sua localização, estaria “diferenciada das outras partes, tendo também a função de órgão receptor de estímulos”. A própria embriologia aponta que o homem repete a história evolutiva. Um exemplo disso é que o sistema nervoso central surge do ectoderma, camada mais externa do embrião humano em desenvolvimento e que a massa cinzenta do córtex cerebral continua sendo um derivado dessa superfície primitiva.

Portanto, a partir daí, seria fácil supor que o impacto incessante dos estímulos externos sobre a superfície da vesícula modificaria sua substância de maneira

---

1 A primeira data refere-se à data da publicação original e a segunda à data da edição consultada.

permanente e irresistível até uma determinada profundidade (...). Nessa superfície ter-se-ia formado uma crosta, que estaria por fim tão abrasada pela ação desses estímulos que se tornaria uma camada ideal de recepção e transmissão desses estímulos. (FREUD, 1920/2006, p.150 e 151)

Considerando que este fragmento de substância viva flutue em um mundo exterior que está carregado de energias de grande intensidade, tal microorganismo não demoraria a ser aniquilado se não possuísse um escudo protetor contra estímulos. Esse escudo se forma justamente quando ocorre a diferenciação da superfície mais externa da vesícula, formando um envoltório destinado a amortecer os estímulos, diminuindo, assim a intensidade das energias do mundo exterior que chegam até o interior do organismo.

Foi a camada externa que, com sua morte, salvou todas as camadas mais profundas do mesmo destino, pelo menos até o momento em que eventualmente cheguem estímulos tão intensos que rompem o escudo protetor. (FREUD, 1920/2006, p.153)

O organismo, que possui a sua reserva de energia própria, deve esforçar-se para se proteger do efeito destrutivo das energias superintensas que operam no mundo exterior, isto é, proteger-se contra quantidades excessivas de estímulos, bem como para deter tipos inapropriados de estímulos. Freud (1920/2006) chamou de *traumáticas* as excitações externas que possuem força suficiente para romper o escudo protetor.

Entretanto, o autor lembra que essa camada sensível também recebe excitações do interior. Sua posição entre o exterior e o interior e as influências que recebe ambos os lados são fatores decisivos para o seu funcionamento, bem como para todo o aparelho psíquico. O organismo encontra-se protegido, pela camada-escudo, dos excessos de estímulos externos, no entanto, não possui nenhuma proteção contra os estímulos internos, que se transmitem diretamente esse sistema, sem sofrer nenhuma redução. Essas excitações internas geram uma série de sensações de prazer-desprazer que irão prevalecer sobre todos os estímulos exteriores.

Assim sendo, na ocasião de estar submetido a excitações internas que estão a provocar um aumento excessivo de desprazer, Freud (1920/2006) percebe operar um modo específico de lidar com tais excitações, qual seja, uma tendência a tratá-las como se elas viessem do exterior, para poder, assim, “utilizar contra elas os mesmo mecanismos de defesa empregamos pela camada protetora externa contra os estímulos externos” (FREUD, 1920/2006, p.153). O autor elucida que essa é a origem do mecanismo de *projeção*, que vai desempenhar um importante papel na determinação dos processos patológicos.

Em relação às fontes da excitação de origem interna, Freud (1920/2006) diz que as principais e mais abundantes são constituídas pelas chamadas pulsões do organismo. “Elas são as representantes de todas as ações das forças que brotam no interior do corpo e que são transmitidas para o aparelho psíquico” (FREUD, 1920/2006, p.158). Freud afirma que as pulsões são o mais importante objeto da investigação psicanalítica, entretanto, o mais obscuro.

Freud inicia o seu artigo “O Eu e o Id”, publicando em 1923, afirmando que, no referido trabalho, ele dará continuidade às reflexões iniciadas em “Além do princípio do prazer”. A primeira parte desse artigo trata sobre o que é consciência e o que é inconsciente, e mais uma vez o autor ressalta que, da perspectiva psicanalítica, não há como considerar que a essência do psiquismo esteja situada na consciência.

Assim como elucidado no texto de 1920 com o auxílio da biologia, no artigo de 1923, Freud reafirma a questão da percepção das sensações internas do aparelho

psíquico em um jogo de prazer e desprazer como sendo de maior importância econômica do que as sensações oriundas de fora.

Na seqüência do texto, Freud (1923/2006) faz uma discussão sobre os mecanismos da percepção, o sistema Perceptivo-Consciente e suas relações com o Inconsciente para depois passar à tarefa de propor uma concepção de Eu:

Concebemos o sistema *P.* como o núcleo do Eu, e o Eu estendendo a partir desse núcleo e abrangendo de início o *Pcs.* (...). No entanto, esse modelo não basta, pois conforme vimos, o Eu também é inconsciente. (...) Proponho, assim, denominarmos este ente que provém do sistema *P.* e que inicialmente é *Pcs.* de Eu e (...) aquele outro psíquico, no qual o Eu se prolonga e que se comporta de forma *Ics.*, de Id (...). Um indivíduo é, então, um Id psíquico desconhecido e inconsciente sobre cuja superfície assenta-se o Eu, o qual, por sua vez, desenvolveu-se a partir do sistema *P.*, o núcleo do Eu. (FREUD, 1923/2006, p.36 e 37)

Desta forma, Freud (1923/2006) afirma que o Eu é uma parte do Id, que foi modificada devido ao contato direto com a realidade externa. O Eu leva em consideração a realidade exterior ao organismo, procurando conciliá-la às demandas do Id e aos propósitos deste, bem como procura submeter o princípio do prazer – que reina no Id sem restrições – ao princípio da realidade. O Eu representa aquilo que podemos chamar de razão e ponderação, enquanto o Id contém as paixões.

Seguindo a lógica do pensamento freudiano, pode-se dizer que o Eu é um sintoma que surge do embate do ser vivo com a realidade. Em sua conferência sobre “Os caminhos da formação dos sintomas”, Freud (1917/1996) afirmou que um sintoma surge do conflito entre uma pulsão do indivíduo e a realidade externa, que impede a realização desta. O sintoma formado representa um acordo entre essas duas forças em conflito, criando “um substituto da satisfação frustrada” (FREUD, 1917/1996, p.367), o que possibilita ao indivíduo obter alguma satisfação, mesmo que por vias indiretas, sem entrar em total desacordo com a realidade.

Pensando, primeiramente, do ponto de vista ontogenético, um bebê vive, no interior do útero materno, num estado em que todas as suas necessidades são continuamente supridas. Ele vive num estado alucinatório de completude através de sua fusão com o universo do corpo materno. Ao nascer, o psiquismo do recém-nascido tende a continuar percebendo sua mãe e o mundo como uma extensão dele mesmo; “exige” uma satisfação imediata das suas necessidades e durante um bom tempo comporta-se de maneira a ignorar a realidade externa, que ele, até então, desconhece. Somente a partir do enfrentamento direto com a realidade, o pequeno infante começa a perceber que existe um mundo exterior a ele, que precisa ser levado em consideração. É da frustração diante da satisfação plena alucinada que o pequeno Eu surge como um mediador entre essa realidade externa e aquilo que pulsa no interior do organismo.

Entretanto a ontogênese é apenas a repetição da filogênese: a história do indivíduo repete a da espécie. No artigo “Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico”, de 1911, Freud diz que, no início o organismo vivia num estado de repouso psíquico, um estado de satisfação plena pela via alucinatória. Contudo, desde o princípio esse estado de repouso psíquico era perturbado por exigências imperiosas oriundas de necessidades internas do organismo em confronto com uma realidade externa até então desconhecida.

Foi preciso que não ocorresse a satisfação esperada, que houvesse uma frustração, para que essa tentativa de satisfação pela via alucinatória fosse abandonada. Em vez de alucinar, o aparelho psíquico teve então que se decidir

por conceber as circunstâncias reais presentes no mundo externo e passou a almejar uma modificação real deste. (FREUD, 1911/2006, p.65).

Com isso foi instaurado o princípio da realidade. Não mais a alucinação do agradável, mas sim o real, ainda que desagradável. Assim desenvolveu-se a sensibilidade ao mundo externo, a percepção deste, a atenção na sua captação, e a notação que deixou atrás de si traços de memória. Emerge uma consciência que, além de captar as qualidades de prazer-desprazer, aprendeu também a captar as qualidades sensoriais.

Percebe-se, então, que, de um caldeirão de pulsões que aspiram à satisfação em meio às adversidades do meio externo, surge um Eu como sintoma desse embate, na tentativa de promover um acordo entre aquilo que pulsa e a realidade externa. O Eu surge d'isso: apenas um eco daquilo que o indivíduo realmente é na sua essência. O Eu é Isso.

### **Referências bibliográficas**

FREUD, Sigmund. Além do princípio do prazer [1920]<sup>2</sup>. Em: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol. 2. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006<sup>3</sup>.

FREUD, Sigmund. Formulações sobre os dois princípios do acontecer psíquico [1911]. Em: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol. 1. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. O Eu e o Id [1923]. Em: *Escritos sobre a Psicologia do Inconsciente*, vol. 3. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Coordenação geral da tradução: Luiz Alberto Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

FREUD, Sigmund. Os caminhos da formação dos sintomas (Conferência XXIII das Conferências Introdutórias sobre Psicanálise) [1917]. Em: *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud* (Volume XVI). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

---

2 Data da publicação original.

3 Data da edição consultada.